

Oração de Paraninfo (1)

Mário Masagão.

Em Santa Maria Novela, na Capela dos Espanhóis, celebrou o pincél de Simão Memmi as ciências divinas e humanas, retratando junto ao símbolo de cada disciplina o homem que a fundou, ou particularmente ilustrou. Ao pé da legislação civil, o Imperador Justiniano tem a fronte cingida de alva mitra. O campeão da retórica é Cícero; o da geometria Euclides.

Duas figuras ocupam o primeiro plano. À esquerda, antes da astrologia, uma diva vestida de branco estende a mão, como para contar. É a aritmética, e tem a seus pés Pitágoras. Do outro lado, precedendo a teologia moral, certa dama de soberana magestade, coberta de encarnado, respira força e nobreza, e empunha um arco. Quem será esta musa poderosa, que vai para o combate carregada de armas?

Nas “Manhãs de Florença” diz RUSKIN que éla é a pugnacidade intelectual, que luta, se empenha, convence e conquista. Nos degráus do seu trono está Santo Agostinho.

O lugar que a essa figura deu o artista entre os demais símbolos tem uma significação especial e profunda.

Certamente, buscar a verdade sem outra meta, senão a de lhe beber a luz e aconchegar o peito ao seu calor, é aspiração que dignifica a humana argila, e lhe dá um re-

1) Proferida perante a turma dos bacharelados de 1943.

flexo do espírito divino. Mas se em algumas ciências o desvendar de manifestações necessárias constitue o fim exclusivo dos investigadores, em outras direções do saber isso não é o suficiente.

Perscruta o anatomista a partícula derradeira dos corpos organizados; desce o físico à poeira dos átomos e lhes analisa a composição e o comportamento; aprofunda-se o astrónomo no abismo cósmico, e surpreende dos corpos celestes o segredo quantitativo das distâncias, volumes, velocidades e dependências; e todos com a notícia dos fatos se nutrem e satisfazem.

Mas as disciplinas que se chamam normativas, como a moral e o direito, não cuidam apenas daquilo que é. Apontam o que deve ser, e por isso imprimem nos seus cultores o cunho da inconformidade com o mundo que se não adapta ao ideal científico. Empolga-os o ardor de corrigir as instituições, os usos, a organização social, para que tudo se integre na harmonia radiosa da ética e da justiça.

E quando com êsse espírito se voltam para a consideração da terra mater, e ao brilho da verdade se alia a chama do patriotismo, a idéa se transforma neles em sentimento, a opinião se converte em valor, o raciocínio se transmuda em bravura. Dobram então a página do alfarrábio e se levantam, guiados não de ousadia insensata, mas de confiança esclarecida, que nada perturba, entibia ou sufoca.

Eis aí porquê vem a pugnacidade intelectual à frente das ciências normativas. O verdadeiro jurista ha de ser pelejador como Santo Agostinho.

Além de vos mostrardes dedicados à ciência, senhores bacharelandos, também à luz do sol em vós já rebrilhou a têmpera essencial da firmeza.

Entendo por isso que não haveis mister palavras de roteiro da vida prática que ides encetar, e delas me abstenho, embora contrariando o uso de cerimônias como esta. Para que honreis a magistratura, a advocacia, e todas as carreiras

dos juristas; para que façais de vossas vidas obras primas, seja qual fôr o posto, exalçado ou humilde, que o destino vos reserve, não ha senão perseverardes naquela integridade e força de alma, que sob as Arcadas ostentastes.

Em verdade vos digo que, se jamais me envaidecí de investiduras que poderiam ter lisongeados os dias da minha juventude, agora, na madureza, encho o peito de orgulho, por paraninfar a turma dêsse ano de 1943, em que o rubí das nossas côres tingiu de encarnado o asfalto das ruas.

As palavras que me dirigiu o vosso brilhante orador, embora as saiba sinceras, não as tomo como relato do que sou, mas como aviso do que desejariéis que eu fôsse.

Digo em troca que a Faculdade está contente convosco, e não vos posso fazer melhor elogio.

Fixai néla agora o olhar, que antes de apartado já se vai turvando das névoas da saudade. É o secular luzeiro, soberanamente útil, que em todas as épocas incertas de nossa história tem alumiado a nação; o altar dos atos de fé, junto do qual, no tempo da tribulação, o país se reanima; o núcleo incorruptível, onde nas crises se refugia a vitalidade da pátria, a recobrar alento para a irradiação redentora. Enfrentando as adversidades, éla em todas as perdas se tem por mais enriquecida; em todos os trabalhos e perigos, por mais segura; em todos os abatimentos, por mais honrada. Memória tenaz e esperança imorredora, a velha escola brilha sempre como lume na treva, em perene frutificação de ciência e de civismo.

Para apontar exemplo das virtudes acadêmicas não é mister grande retrospectão.

Alguns de vós eram nascidos, senhores bacharelados, quando o fim da primeira grande guerra inaugurava um ciclo doloroso de confusão mental da humanidade. O conflito, em que as maiores nações empenharam suas reservas derradeiras, abalou-as até o delírio, ora manso e disfarçado, ora furioso como a procela.

Com efeito, o mesmo desequilíbrio que introduzia nos salões os instrumentos musicais dos povos primitivos, celebrava a elefantíase na escultura e cultivava a chamada pintura moderna, engenhou na esfera política situações trágicas.

Em algumas regiões perdeu-se a noção de que o Estado é um instrumento creado para bem dos homens. Mercê de curiosa inversão, passou êle, entre povos afligidos de males e atormentados de receios, a ser um ente misterioso, para cujo desenvolvimento a humanidade é que deveria existir e se sacrificar. Através de um caminho rorejado das lágrimas do povo e rubricado pelo sangue de mártires, as formas mais características dessa hipertrofia se notabilizaram na Itália e na Alemanha. Em cada um desses países todo o poder se concentrou num homem semelhante à estátua de Júpiter, diante da qual todos se prostravam, não por amor do ídolo, mas por temor do raio, que tinha na mão.

A psicose coletiva imolou os bens fundamentais dos cidadãos, a honra, a liberdade, a vida, a segurança, a propriedade, em holocausto à onipotência do Estado. Em pleno século XX os homens transformavam assim em fator de miséria, degradação e sofrimento, uma entidade destinada normalmente a promover segurança e a crear um ambiente propício ao desenvolvimento das forças e faculdades individuais.

Esse desatino, que põe em ferros a liberdade, afoga a razão, corrompe os ânimos, afronta o entendimento, abate o esforço, corôa a ambição desleal, imola a justiça ao proveito, faz de criaturas deuses, e traz os homens em açoutes e dôres, não avassalou, mercê de Deus, todos os países. Mas em muitos dêles, em que a educação política não era perfeita, a contágio gerou sistemas equívocos de governo e inquietou o povo pela insegurança dos direitos fundamentais do homem.

Mais sensível a tais formas de perturbação, porquê desprevenida e sem a experiência de passados normais, é a mentalidade dos jovens. E houve momentos em que também no Brasil parte da mocidade, empeçonhada por doutrinações sinuosas, já não sabia distinguir o jôio do trigo.

No combate à terçã que a escaldava é incalculável quanto fez então a Faculdade de Direito, a ensinar bom senso às gerações que déla se abeiravam, a desmontar os principais erros que vicejavam à mímica de espírito crítico, e a evangelizar a razão como São Paulo mandava prègar a fé: oportuna e importunamente.

Era preciso lembrar, aos crentes da onipotência da lei, que, dentro de sua finalidade especial, éla possui inteira eficácia; mas, desviada da declaração do direito, perde completamente a virtude, além de conturbar a vida dos homens. Não tem éla força de remediar todas as necessidades, iluminar todas as ignorâncias, medicar todas as chagas, atalhar todos os desamparos, extinguir todos os trabalhos, desterrar todas as penas, crear todos os prazeres, e manter os homens em paraíso, como se fossem reis da glória. A ilusão de que a lei tudo pode tem contribuido, entretanto, para o alargamento indefinido das atribuições dos Estados modernos, cancro avassalador de onde derivou a maior parte das crises que afligiram a humanidade no último quartel de século.

Era preciso mostrar, aos espíritos transviados, que é erro nefando supôr que os interesses coletivos podem justificar a violação de direitos. Os interesses públicos devem prevalecer sôbre os particulares, mas não sôbre direitos de quem quer que seja. Jamais se cuidará melhor das vantagens da comunhão que quando se tributar aos direitos dos cidadãos todo respeito, pois cada golpe que os fere abala a sociedade até os fundamentos.

Era preciso provar cumpridamente aos iludidos verdades anteriormente pacíficas, como a de que o nacionalismo

econômico, a que vão ter todos os regimes de força, devora as energias dos países que o praticam, além de hostilizar inutilmente os demais. Com efeito, os senhores de territórios tão vastos, que abrangem todos os climas, podem durante algum tempo, com imensos sacrifícios, manter a ilusão de que se bastam a si mesmos. Mas nêsse sorvedouro não somente se lhes precipita o nível de vida, como o bem estar de alheios povos, que vivem em territórios exíguos, e cuja produção, forçosamente especializada, os torna dependentes da troca internacional.

Alongar-me-ia demasiadamente se prosseguisse na enumeração dos principais erros cuja disseminação quebrou a tranquilidade do mundo moderno, e de que na Academia se alimpava incessantemente o espírito dos moços.

Se me permitissem a evocação de um episódio entre mil, contar-vos-ia o dos jovens que, envenenados por uns livrinhos crivados de erros históricos e crematísticos, vinham às aulas com umas camisas tão verdes como a sua extrema mocidade. Tocou-me acidentalmente ensinar-lhes economia política, e como ouvissem da cátedra as linhas puras da escola clássica, taxavam o professor de retrógrado.

A êles se dedicou um curso de história da economia dirigida, e muito se surpreenderam com que o fulcro de suas ingênuas simpatias fosse um sistema obsoleto de empobrecimento coletivo, que, depois de ensaiado em todas as variantes imagináveis, já a experiência dos antigos rejeitara.

Para notícia disso, embora escassa, bastaria, aliás, o manuseio dos clássicos portugueses. Por volta de 1550, Fernão Mendes Pinto, perdido em terras de Ásia, encontrava na China a economia dirigida com requintes do capricho oriental, ante os quais empalideceria de inveja o mais presbitoso *facista*. Depois de lhe descrever o desenvolvimento proteiforme, concluia o autor da Peregrinação: a gente d'El Rei da China, com tantos mandamentos e ordenanças,

de tal sorte ata e empece a éste triste povo, que no seio da mesma abundância o reduz a condição de miserável.

Meus senhores, a mór parte das opiniões falsas, que empestam o mundo com os seus obstinados artificios, se dissolveria como fumo se não houvessem caído em quasi esquecimento uns poucos livros, onde reside a sabedoria, ora fugitiva da humana lembrança. Se me fosse dado escolher somente dois dêles para os colocar nas mãos dos adolescentes, não hesitaria um instante siquer que lhes não desse o Espirito das Leis, de Montesquieu, e as Harmonias Económicas, de Bastiat.

Não é só no espancar dos erros, entretanto, que a missão da Faculdade se cumpre.

As arcadas são velhas, mas por élas perpassa uma brisa vivificante de primavera e de luta. Inspiram um individualismo sadio e benéfico; incutem a beleza da ação; respiram o heroismo do dever, que é áspero, mas floresce em alegrias duradouras. Ha quem as acuse de tornar os moços sonhadores. Mas se é sonho desprezar vantagens, escolher os riscos, e conformar a vida a ideais alevantados, bendito seja o sonho! Se é por êle que agora, senhores bacharelados, entraís na vida pública, não acurvados no officio da lisonja, mas de frente erguida, olhar altivo e peito sobranceiro, bendito seja o sonho! Aqueles, a quem os presumidos práticos motejam de visionários, vivem num mundo mais real que o torvo cenário das conveniências materiais em que se movem os seus detratores. Vezo é de néscios chamar sonho tudo quanto vóa por cima do barro que êles pisam; mas as maiores empresas da história jamais se haveriam realizado se não tivessem sido inicialmente castelos na imaginação dos que as levaram a cabo, assim como não existiriam nos templos o primor das imagens, a delicadeza dos ornatos, a opulência das arquitraves, a suntuosidade dos mosaicos, a elegância dos florões, se se

não houvessem previamente debuxado e unido na mente do arquiteto.

É com o seu espírito de sempre que a Academia vai atravessando e vencendo o ciclo obscuro, que a primeira guerra mundial iniciou, e que a atual sem dúvida encerrará. Com efeito, chegada a humanidade a uma estação da romagem de tantos séculos, não pode volver sobre os seus passos, confessar-se iludida em suas esperanças, e pedir a instituições, que a civilização já desterrou, o remédio de inevitáveis imperfeições.

A história paira do alto, com olhos de condor, sobre largos períodos da vida dos povos, descobrindo relações e influxos que de perto se não percebem. Mostra éla que a humanidade caminha através de estágios contraditórios, de fases sucessivas de escuridão e claridade, — mas nem por isso se lhe detém o movimento, que, em conjunto, se dirige da escravidão para o livramento, da fereza para o amôr, da discórdia para a harmonia, da torpeza, da abjecção, do desconforto, para o belo, para dignidade, para o contentamento. E de cada vez que uma fase negativa se vence, a reação de progresso é mais acentuada, de maneira que dos momentos contrapostos nasce sempre um terceiro, a superar em luminosidade todos os antecedentes.

Meus senhores, a guerra atual se fere para dar cabo a um dos períodos sombrios da história universal. Nós, os juristas, temos o privilégio de compreender melhor que ninguém o alcance dos combates que ora se travam no céu, na terra e no mar. Conhecemos o conteúdo prático dos ideais por que se batem as nações unidas, e dos lemas inscritos em suas bandeiras de guerra.

No campo do chamamento já não cabe o número dos que pelejam, e o mar está pasmado da quantia das náus que se aprestam para despejar à beira dos torrões cativos quantos braços, ferros e máquinas de guerra se podem grangear pelos confins do mundo. Os exércitos da democracia mer-

gulham em fogo e sangue para que, de futuro, em qualquer latitude, nenhum governo entenda que cumpre sua missão cuidando do que é material e transitório, com desprezo do que pertence à dignidade e vida cívica da nação; para que ninguém seja obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei; para que as leis não tenham efeito retroativo, para que se respeitem o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada; para que nenhum assunto relativo a direito possa ser subtraído ao conhecimento do poder judiciário; para que a casa constitua asilo inviolável do cidadão, e ninguém possa aí penetrar, salvo nos casos da lei; para que ninguém seja preso sem culpa formada, excepto em flagrante ou por decisão judiciária; para que todos possam reunir-se pacificamente e sem armas, e discutir os negócios públicos; para que seja livre a manifestação do pensamento pela imprensa e pela tribuna, respondendo cada um pelos abusos que cometer; para que, numa palavra, se restaure e redobre aquilo que a civilização custosamente creou, e enobrece a vida humana. Porquê, sem êsses direitos e garantias fundamentais, os povos não passam de rebanhos tangidos pela audácia dos aventureiros.

Meus alunos — deixai que assim vos chame pela última vez — meus alunos, a vitória já vem perto.

O fogo sagrado, nutrido durante a longa noite pela devoção dos que se não corromperam nem se entibiaram, encherá de claridade os horizontes. Fulgindo nos quatro cantos do país, ha de exorcismar as forças obscuras, a vida vegetativa, a quietude cinerária, a opressão, o fatalismo impotente, a dubiedade crepuscular, que ora o ensombram, para lhe sobrepôr a claresa definida da boa fé e da consciência afirmativa. Ao seu fulgor vereis então, vencedora do eclipse, purificada pelo sofrimento, e envolta numa lucilação de resplendores, a imagem da pátria, alta como uma catedral, transfigurada na continuidade do seu passado

ilustre: aquella pátria que se dilatou no arcabuz de Borba Gato, rutilou na espada de Henrique Dias, tremulou na túnica do Tiradentes, chamejou no peito de António João, triunfou no Riachuelo, brilhou na pena de Teixeira de Freitas, cantou nos versos de Gonçalves Dias, trovejou no verbo olimpico de Rúi Barbosa.

E ao antever dessa figura radiosa, que o prenúncio da aurora já entremostra, cada um de nós póde bradar como o poeta:

*esta é a ditosa pátria minha amada,
à qual se o céu me dá que eu sem perigo
torne com esta empresa já acabada,
acabe-se esta luz ali comigo.*